

CIDADE ABERTA



PEDRO MAIA

Marcando a memória de uma Vitória antiga

Não faz muito tempo, o produtor cultural e cineasta Rômulo Mussiello produziu e lançou excelente documentário sobre a história da praça Costa Pereira, centro nevrálgico da Vitória provinciana da primeira metade do século passado.

Até meados da década de 60, quando os antigos e saudosos bondes circulavam pelo seu entorno, aquela praça era ponto obrigatório de passagem tanto de moradores da Praia do Canto quanto daqueles que residiam em Santo Antônio, do outro lado da capital.

Poucos sabem quem foi o comendador Costa Pereira, que empresta o nome àquele logradouro público, o mais antigo espaço de lazer da cidade.

Pois este emérito cidadão foi governador do Estado em meados do século XIX e coube a ele a execução do primeiro projeto de saneamento da insalubre Vitória de então, quando dejetos das casas eram recolhidos por negros em tonéis feitos de tábuas, que deixavam marcas de listras em suas costas, de onde nasceu a alcunha de “tigres” para os coitados que cuidavam dessa atividade.

Em seu documentário, Mussiello se refere a um desses carregadores de excrementos. Com as obras de saneamento, este personagem ficou desempregado, virou uma espécie de mendigo que se tornou figura popular da praça.

Depois, muitos outros espécimes curiosos dessa incompreendida facção da fauna urbana pontificaram naquela praça.

Afinal, os poucos bandidos daqueles tempos eram sobejamente conhecidos pelos homens da lei, que os tratavam como “galinhas de quintal”: pelo modo de agir, eram identificados de pronto e chamados à antiga Chefatura de Polícia, na rua Graciano Neves, para as explicações necessárias quase sempre já com a confissão do delito pronta para ser assinada e juramentada.

Por isso mesmo a Costa Pereira era lugar calmo e tranquilo, que permitia longos papos pelas madrugadas nas quais intelectuais, políticos e boêmios amanheciam

em intermináveis trocas de ideias, que variavam desde assuntos triviais até discussões acaloradas.

A praça, até os anos 70, não parava, e seu movimento se transformava de acordo com os horários: de madrugada, quando os notívagos já procuravam caminho de casa, trabalhadores apreciavam vindos nos bondes que atravessavam a cidade de Norte a Sul.

Depois eram os estudantes uniformizados, como sempre alegres e barulhentos: eles de roupa cáqui, elas de azul e branco, como mandava o figurino.

Até o meio-dia eram as donas de casas que vinham dos bairros para compras nas lojas do centro. Não dispensavam um caldo de cana no Lira ou um sorvete na Pinguim (que na época tinha trema) e, depois, gastavam mais algum tempo conversando sentadas nos bancos, enquanto aguardavam condução de volta.

Durante o dia, o bar do Português, a mercearia Balbi e o bar do Álvaro (ao lado do antigo cine-teatro Carlos Gomes) atendiam a freguesia, enquanto a molecada se exibia pulando dos estribos dos bondes “de costas”, na época uma espécie de esporte radical praticado para uma plateia exclusiva e fixa.

Existiam lá lindos canteiros bem cuidados pelo velho Grijó, zeloso funcionário municipal que subia nas tamancas quando alguém desrespeitava a ordem de não pisar na grama.

Não vimos ainda o filme inteiro, mas a velha Costa Pereira conhecemos bem desde os tempos de moleque. Uma coisa é inegável: Vitória precisa de outros trabalhos como o do Mussiello, registrando histórias de uma cidade que, em curto espaço de tempo, mudou da água para o vinho.

Ou melhor: da água para o vinagre...



Vitória precisa de outros trabalhos como o do Mussiello, registrando histórias de uma cidade que mudou da água para o vinho